

AS RELAÇÕES ENTRE BRASIL E CHINA: DO PRAGMATISMO À IDEOLOGIA

Ana Bárbara Damacena¹

RESUMO

A China tem sido cada vez mais presente na economia mundial e, conseqüentemente, na economia brasileira. Desde a sua ascensão na década de 1990, sua relação com o Brasil rendeu vários acordos firmados e investimentos. Mas, com a evidente mudança do cenário político no país sul-americano, fruto das eleições polarizadas de 2018, torna-se necessário entender se houve alteração no tratamento dessa relação e como isso ocorreu. Sendo assim, o presente artigo se centra em uma análise dos governos de Dilma Rousseff (PT), Michel Temer (MDB) e Jair Bolsonaro (sem partido), entre 2012 e 2021. Busca-se responder à seguinte questão: como se deu o deslocamento do pensamento de "Política Externa Brasileira para a China" neste período?

Palavras-chave: China, Brasil, Política Externa Brasileira.

INTRODUÇÃO

Este trabalho se centra em analisar as relações entre Brasil e China entre o período do governo de Dilma Rousseff, iniciado em 2012, até os dias atuais que estão marcados por perdas na relação com a China. A escolha desta temática se justifica pela forte presença chinesa nas finanças mundiais, principalmente por ser um centro manufatureiro mundial e possuir relações fortes com o Brasil.

O objetivo é analisar se houve, e como ocorreram as mudanças na Política Externa Brasileira em relação à China. Para tal, busca-se identificar o contexto em que a relação entre os dois países se insere, apresentar um balanço deste vínculo no período de tempo determinado acima, e por fim, analisar as mudanças ocorridas e classificá-las. Para isso utilizar-se-á de artigos acadêmicos, reportagens, relatórios e outros meios sociais de comunicação, como o Twitter, objetivando trazer mais elementos empíricos sobre o tratamento brasileiro para com a China.

CONTEXTUALIZAÇÃO

O crescimento chinês foi, de fato, assustador. Seu impacto na economia mundial é cada vez maior, sendo que do começo do século XXI até 2017, o país chegou a ter uma taxa de

crescimento anual do Produto Interno Bruto (PIB) de 14%, enquanto a média mundial não chegava a 5% (LIMA, 2017). Ferguson (2008, p. 2), ao passo que compreende diversos paradoxos do capital, mostra a importância da globalização das finanças para o crescimento chinês, auxiliando na indistinção entre mercados desenvolvidos e emergentes e “transformando a China no banqueiro da América – o credor comunista para o devedor capitalista, uma mudança de significância memorável”.

A presença da China na América Latina é cada vez mais percebida. E sua forte relação com o Brasil é tratada como natural por Neves (2018), pois o Brasil possui a maior população e maior economia da região. Porém a relação dos dois países, antes da ascensão da China, foi de altos e baixos, sendo que o país asiático viveu a “Grande fome chinesa” que matou cerca de 20 milhões de pessoas, que travou suas relações diplomáticas com boa parte do mundo, sendo tratada por Mao Zedong como um “sacrifício” necessário para o crescimento do país (BARBIERI, 2017).

O começo de uma relação significativa entre Brasil e China se deu em 1917, quando o primeiro ministro residente do Brasil visitou o país. Isso durou até o momento da Política

Externa Independente (1961-1964). Com o golpe militar, as relações com o país asiático foram ficando cada vez mais distantes e o reatamento diplomático só aconteceu em 1974, diante de muitas controvérsias. Desde os anos 80, o vínculo entre os dois países só cresceu, porém há divergências quanto ao tipo de parceria entre os dois. Enquanto Oliveira (2004) chama de “parceria estratégica”, Cervo (2008, p. 35) trata-a como “parceria ascendente” que é “construída à base de vontade nacional, potencial similar e nível emparelhado de desenvolvimento alcançado”.

O início do século XXI foi marcado por uma mudança em relação ao século anterior. Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil entre 2003 e 2011, trabalhou para a coordenação da cooperação entre os países emergentes, entre eles a China. Entretanto, este grande enfoque nas relações com o país asiático recebeu muitas críticas, principalmente pelos setores afetados pela concorrência chinesa (DANE, 2012). Mas, ainda assim, o período do governo de Lula levou o Brasil a ser uma “potência emergente” através da autonomia pela diversificação, um tipo de inserção internacional caracterizada por ser “[...] a adesão do país aos princípios e às normas internacionais por meio de

alianças Sul-Sul, inclusive regionais, e de acordos com parceiros não tradicionais” sob a crença da redução das assimetrias com países mais poderosos (VIGEVANI; CEPALUNI, 2007, p. 275).

O declínio da Política Externa Brasileira inicia-se com a transição de Lula para Dilma Rousseff, a qual governou o Brasil de 2012 a 2016 e este será o ponto de partida desta análise. Sobre isso, Cervo e Lessa (2014) assumem que:

[...] A tendência mantém-se depois por efeito de duas causalidades que correspondem a variáveis explicativas. Em primeiro lugar, a inexistência de ideias força, ou seja, de conceitos operacionais com capacidade de movimentar sociedade e Estado em torno de estratégias de ação externa; em segundo lugar, obstáculos acumulados pelo Estado com perda de eficiência da função gestora de caráter indutor (CERVO; LESSA, 2014, p. 133-134).

RELAÇÕES BRASIL-CHINA: UM BALANÇO

O primeiro mandato de Dilma Rousseff foi marcado por vários problemas no plano interno, que, no geral, resultaram da desassistência ao setor industrial e ao agronegócio por parte do governo. Apesar de não ter cometido nenhum erro diplomático a primeiro momento, o descontentamento dos setores desassistidos refletiu no âmbito externo, a exemplo das medidas protecionistas que desregularam a balança comercial brasileira, como

dito por Landim (2012). Tudo isso, portanto, contribui para que este período seja caracterizado como o declínio da Política Externa Brasileira (CERVO; LESSA, 2014).

Em relação à China, por conta do tema da reforma do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU), houve em determinado momento um alinhamento com os países do BRICS (agrupamento formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), que objetivavam, no geral, um assento permanente na instituição. Além disso, as ideias de Dilma convergiam com a projeção econômica chinesa naquele momento, gerando uma proximidade bastante grande (CERVO; LESSA, 2014; VIDIGAL, 2019).

Inúmeros foram os acordos negociados por Brasil e China. Podemos observar que em 2015, por exemplo, em uma só reunião com o primeiro-ministro chinês, Dilma assinou 35 acordos com a China, tendo sido prometido um fundo de US\$ 50 bilhões para financiar projetos de infraestrutura, sendo que mais cedo, em 2011, a presidente anunciava um investimento de R\$ 18,9 bilhões para fins de tecnologia. É perceptível ainda que a presidente Dilma possuía certa abertura com o governo chinês, pois chegou a receber o líder chinês, Xi Jinping, em Brasília, pedindo

pessoalmente ao mesmo mais investimentos no Brasil (G1, 2011; EXAME, 2014; BBC, 2015). Assim, mesmo que válida, a afirmativa de Cervo e Lessa (2014) sobre o declínio da Política Externa Brasileira não se aplicava para a "Política Externa Brasileira para a China", que só mostrou se fortalecer.

Michel Temer assumiu a presidência após o impeachment de Dilma Rousseff em 2016, mudando algumas diretrizes do governo, mas não atingindo tão fortemente as relações com a China. Algumas diferenças do governo de Temer em relação à Dilma que mais interessam à esta análise são: o enfoque no bilateralismo ao se relacionar com os outros países do globo e a ênfase em temas econômicos nas organizações internacionais (SILVA, 2019).

No geral, as relações com a China não mudaram, houve visitas ao país, assinatura de acordos e recepção de investimentos. Entretanto, é importante ressaltar que Temer representou certa mudança ideológica no que diz respeito aos 15 anos anteriores, ainda assim existiu uma continuidade nas relações com a China. Consideramos, então, que Dilma e Temer foram pragmáticos nesta relação, mostrando objetividade na lida com o país asiático (ALMEIDA, 2019).

Se Dilma representou o declínio da Política Externa Brasileira, certamente podemos dizer que Jair Bolsonaro representou o declínio das relações com a China. Bolsonaro também visitou a China, assim como seus antecessores, mas em contrapartida criou entraves para os investimentos chineses em pelo menos dois projetos de infraestrutura (BUSCH, 2020; WIZIACK, 2020).

O alinhamento automático do presidente Jair Bolsonaro com Donald Trump, que governou os Estados Unidos da América (EUA) de 2017 a 2021, interrompeu um laço com a China que se mostrava promissor, principalmente pela estabelecida Guerra Comercial entre EUA e China. O início deste entrave foi marcado por posts na rede social Twitter, emitidos por Eduardo Bolsonaro, então Deputado Federal pelo Partido Social Liberal e filho do Presidente.

Bolsonaro, Eduardo (BolsonaroSp). "Quem assistiu Chernobyl vai entender o q ocorreu. Substitua a usina nuclear pelo coronavírus e a ditadura soviética pela chinesa +1 vez uma ditadura preferiu esconder algo grave a expor tendo desgaste, mas q salvaria inúmeras vidas A culpa é da China e liberdade seria a solução". 18 de março de 2020, 11:38 am. Tweet.

Neste ponto, observamos que um novo elemento se instaurou, uma nova figura pôde fazer o papel de porta-voz do governo, tendo em seu discurso um efeito similar ao discurso do próprio chefe de Estado. Almeida (2006, p. 96),

traz uma reflexão importante sobre os operadores do discurso no governo Lula, e um dos seus pontos é o conceito de vozes autorizadas. Esse termo diz respeito aos "produtores originais de posições e discursos para a diplomacia em questão". Podemos perceber então, que neste governo este elemento se faz muito presente sendo que Eduardo emitiu uma fala capaz de mudar relações diplomáticas de um país, o que aparentemente só caberia ao Presidente.

Busch (2020) explica que as acusações feitas à China e todas as intrigas criadas por Jair Bolsonaro são estratégias de governo que objetivam "desviar a atenção de um governo de resultados fracos e mobilizar os apoiadores do presidente". Isso pode ser observado sobretudo no caso do COVID-19, no qual o presidente age de forma cada vez mais errática e fica cada vez mais isolado, tanto no Brasil como no exterior (BUSCH, 2020, p. 1).

CONCLUSÃO

Em suma, fica claro que dos três presidentes analisados, Dilma Rousseff e Michel Temer conseguiram ser mais pragmáticos nas relações com a China, minimizando os atritos e buscando aumentar os investimentos chineses no Brasil, enquanto Jair Bolsonaro adotou uma vertente mais ideológica, sob o alinhamento auto-

mático aos Estados Unidos, com diversos atritos com a China, responsável por mais de 77% do superávit comercial brasileiro em 2020 (WATANABE, 2020; ALMEIDA, 2019).

Ademais, segundo Vidigal (2019), o distanciamento entre o governo Bolsonaro e a China passa por um argumento de desconfiança, ou até preocupação, sobre o papel do país asiático no mundo, além das relações internacionais tomarem um lugar secundário, onde o foco principal deste governo seriam os problemas nacionais.

Por fim, concluímos que certamente houve uma mudança na relação bilateral entre Brasil e China, motivadas pela ascensão de uma nova visão do sistema internacional no Brasil, considerada ideológica em relação à visão de Dilma e Temer, caracterizada como pragmática.

Notas

¹ Graduanda em Relações Internacionais na Universidade Católica de Brasília. E-mail: anadamacena9@gmail.com.

Referências

ALMEIDA, J. As Relações China-Brasil em leitura comparada nos governos de Lula-Dilma, Temer e Bolsonaro. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 43., 2019, Caxambú. **Política externa comparada**. Caxambú: Universidade Federal da Bahia, 2019. p. 1-30. Disponível em: <encurtador.com.br/jnrP3>. Acesso em: 8 maio 2021.

ALMEIDA, P. R. de. Uma nova 'arquitetura' diplomática? - Interpretações divergentes sobre a política externa do governo Lula (2003-2006). **Revista Brasileira de Política Internacional**, [S.L.], v. 49, n. 1, p. 95-116, jun. 2006. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-73292006000100005>.

BARBIERI, F. A Grande Fome de Mao: história da catástrofe mais devastadora da China, 1958-62. **MISES: Interdisciplinary Journal of Philosophy, Law and Economics**, v. 5, n. 1, p. 177-180, 9 Dec. 2017.

BBC. **Em visita de líder chinês, Dilma pede mais investimentos em infraestrutura**. 2014. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/07/140710_jinping_china_jf>. Acesso em: 21 nov. 2020.

BOLSONARO, E. Quem assistiu Chernobyl vai entender o q ocorreu. Substitua a usina nuclear pelo coronavírus e a ditadura soviética pela chinesa +1 vez uma ditadura preferiu esconder algo grave a expor tendo desgaste, mas q salvaria inúmeras vidas A culpa é da China e liberdade seria a solução. [S.I.], 18 mar. 2020. Twitter: @BolsonaroSp. Disponível em: <<https://twitter.com/BolsonaroSP/status/1240286560953815040>>. Acesso em: 18 nov. 2020.

BUSCH, A. **Análise: Como o Brasil destrói sua relação com a China.** Deutsche Welle, 2020. Disponível em: <<https://p.dw.com/p/3adrU>>. Acesso em: 12 nov. 2020.

CERVO, A. L. **Inserção internacional: formação dos conceitos brasileiros.** São Paulo: Ed. Saraiva, 2008.

CERVO, A. L.; LESSA, A. C. O declínio: inserção internacional do Brasil (2011-2014). **Revista Brasileira de Política Internacional**, [S.L.], v. 57, n. 2, p. 133-151, dez. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7329201400308>.

DANE, F. (ED.). **Potências emergentes e desafios globais.** Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2012.

EXAME. **Brasil e China firmam acordos de mais de US\$53 bilhões.** 2015. Disponível em: <<https://exame.com/economia/brasil-e-china-firmam-acordos-de-mais-de-us-53-bilhoes/>>. Acesso em: 02 nov. 2020.

FERGUSON, Niall. **A ascensão do dinheiro.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2009. 399 p.

FERRARI, Hamilton. **'Não podemos permitir que compre nosso Brasil', diz Bolsonaro sobre China: o presidente eleito apontou que não busca alinhar o Brasil com os Estados Unidos.** Correio Brasiliense. Brasília, p. 1-1. dez. 2018. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/12/12/interna_politica,725020/nao-podemos-permitir-que-compre-nosso-brasil-diz-bolsonaro-china.shtml. Acesso em: 8 maio 2021.

G1. **Dilma anuncia investimento chinês de R\$ 18,9 bilhões em produção de tablets no Brasil.** 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/04/dilma-anuncia-investimento-chines-de-r-189-bilhoes-em-producao>

>. Acesso em: 21 nov. 2020.

LIMA, J. O “novo normal” crescimento chinês e a transição para a economia de serviços. **Mundorama** - Revista de Divulgação Científica em Relações Internacionais. Disponível em: <https://www.mundorama.net/?p=23781>. Acesso em: 03 nov. 2020.

NEVES, L. A. de C. As relações com a China no novo contexto geopolítico mundial. In: DESIDERÁ NETO, Walter Antonio (org.). **Política Externa Brasileira em debate: dimensões e estratégias de inserção internacional no pós-crise de 2008.** Brasília: Funag, 2018. Cap. 14. p. 371-386.

NOGUEIRA, J. P.; MESSARI, N.. **Teoria das relações internacionais: correntes e debates.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

OLIVEIRA, H. A. de. Brasil-China: trinta anos de uma parceria estratégica. **Revista Brasileira de Política Internacional**, [S.L.], v. 47, n. 1, p. 7-30, jun. 2004. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-73292004000100002>.

SILVA, Á. V. C.. A política externa do governo Michel Temer (2016-2018): mudanças para a legitimidade? um teste da teoria de Charles Hermann. **Conjuntura Austral**, [S.L.], v. 10, n. 49, p. 23-41, 4 abr. 2019. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <http://dx.doi.org/10.22456/2178-8839.86954>.

VIDIGAL, C. E. Bolsonaro e a reorientação da política exterior brasileira. **Meridiano 47** - Journal Of Global Studies, [S.L.], v. 20, p. 1-16, 13 dez. 2019. Instituto Brasileiro de Relações Internacionais. <http://dx.doi.org/10.20889/m47e20011>.

VIGEVANI, T.; CEPALUNI, G. A política externa de Lula da Silva: a estratégia da autonomia pela diversificação. **Contexto Internacional**, [S.L.], v. 29, n.

2, p. 273-335, dez. 2007. FapUNIFESP (SciELO).
<http://dx.doi.org/10.1590/s0102-85292007000200002>.

WATANABE, M. **Comércio com China responde por quase 80% do superávit.** Valor Econômico. São Paulo, p. 1-1. abr. 2020. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2020/04/07/comercio-com-china-responde-por-quase-80-do-superavit.ghtml>. Acesso em: 8 maio 2021.

WIZIACK, J. **Brasil cria travas que dificultam investimentos chinês no país.** Folha, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/08/brasil-cria-travas-que-dificultam-investimentos-chines-no-pais.shtml>. Acesso em: 17 nov. 2020.